

FRANCISCO: UM PAPA ATENTO AOS SINAIS DOS TEMPOS

Marcos Morais Bejarano¹

Resumo

“Sinais dos Tempos” é um conceito bíblico revalorizado pela Igreja Católica a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965). Essa revalorização se deu com o objetivo de incentivar os cristãos e cristãs a investigarem os elementos da realidade contemporânea que permitam perceber os sinais da presença de Deus na história. Segundo esta visão, Deus continua agindo em favor de um mundo melhor, mesmo em meio a situações de crise, apoiando e fortalecendo a luta dos que promovem a justiça. O Papa Francisco buscou ser fiel a essa herança e tentou discernir os Sinais dos Tempos durante o período do seu pontificado (2013-2025). Neste artigo queremos enfocar os principais desafios humanos percebidos pelo pontífice e alguns sinais de esperança que ele detectou e procurou apoiar.

PALAVRAS-CHAVE: Sinais dos Tempos; Concílio Vaticano II; Papa Francisco; esperança.

Introdução

O conceito de “Sinais dos Tempos” possui origem bíblica. Segundo os evangelhos, Jesus de Nazaré criticou a incapacidade de alguns dos seus interlocutores em perceber os sinais da presença divina na história e, especialmente, na sua própria atuação:

Os fariseus e os saduceus vieram até ele e pediram-lhe, para pô-lo à prova, que lhes mostrasse um sinal vindo do céu. Mas Jesus lhes respondeu: “Ao entardecer dizeis: vai fazer bom tempo, porque o céu está avermelhado; e de manhã: hoje teremos tempestade, porque o céu está de um vermelho sombrio. O aspecto do céu, sabeis interpretar, mas os sinais dos tempos, não podeis?” (Mateus 16,1-3).

Assim, para Jesus, o grande sinal dos tempos é Ele mesmo e sua obra, por meio de quem Deus estaria revelando a sua presença no mundo. Os interlocutores dele, porém, não conseguiram enxergar este sinal, já que o ensino de Jesus se apresentava como contrário aos seus interesses pessoais e de classe.

A ideia presente no conceito de “Sinais dos Tempos” foi recuperada e reinterpretada pela Igreja Católica por ocasião do Concílio Vaticano II (1962-1965). Trata-se de um grande evento, o maior evento do catolicismo no século XX, que consistiu numa reunião de todos os bispos católicos do mundo com o papa para refletir sobre a missão da Igreja. Um dos objetivos do concílio foi o de empreender uma reforma da Igreja em vista do diálogo e da aproximação com o mundo e a cultura modernas.

Um dos aspectos da modernidade é a crença na historicidade, ou seja, no fato de que a história está nas mãos dos seres humanos e que estes têm a capacidade de fazer o mundo

¹ Marcos Morais Bejarano é graduado em Ciências Contábeis pela UFRJ, mestre e doutor pela PUC-Rio, onde atua como professor do Departamento de Teologia. É também padre católico romano, pertencendo ao clero da diocese de Duque de Caxias – RJ.

progredir rumo a condições de vida mais humanas. Assim, ao resgatar o conceito bíblico, a Igreja defendia a ideia de que as pessoas de fé devem ser capazes de analisar as transformações históricas a fim de perceber, por meio delas, a presença divina que conduz a humanidade por caminhos de vida plena:

É dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. É, por isso, necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu caráter tantas vezes dramático. (CONCÍLIO VATICANO II, 4).

A citação acima é tirada da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (As Alegrias e as Esperanças), texto do Concílio Vaticano II que trata justamente da relação da Igreja com o mundo contemporâneo. Seu sentido se torna ainda mais explícito se nós a combinamos com outro trecho do mesmo documento:

O Povo de Deus (...) esforça-se por discernir nos acontecimentos, nas exigências e aspirações em que participa com os homens de hoje, quais são os verdadeiros sinais da presença ou da vontade de Deus (CONCÍLIO VATICANO II, 11).

O Papa Francisco, cujo pontificado durou de 13 de março de 2013 a 21 de abril de 2025, viveu profundamente o desejo do Concílio Vaticano II e desempenhou o seu papel muito atento aos Sinais dos Tempos. Por isso, sua palavra foi ouvida não somente dentro da Igreja, mas também – e sobretudo – fora dela. Nesse artigo desejamos analisar os Sinais dos Tempos percebidos por Francisco, as propostas apresentadas por ele diante desses sinais, bem como enfocar a sua palavra como uma palavra de esperança em um mundo marcado por tanto desalento. Partimos da convicção de que a contribuição que o papado de Francisco ofereceu para a sociedade permanecerá relevante por muitos anos, mesmo que ele tenha desaparecido da cena pública em função do seu falecimento.

1. Um pontificado vivido em meio a uma “terceira guerra mundial em pedaços”

Quando os documentos do Concílio Vaticano II foram escritos, havia um certo otimismo com as possibilidades oferecidas pela modernidade. Porém, recentemente, esse otimismo tem cedido lugar a um certo desencanto, já que as promessas da modernidade de um futuro melhor produzido pelo progresso arrefeceram. Tais promessas têm sido substituídas pelo medo provocado pela crise ambiental, pela persistência das desigualdades sociais e por um certo recrudescimento das guerras. Já não há mais aquela utopia de que o simples desenvolvimento da tecnologia resultaria, necessariamente, em melhores condições de vida para todas as pessoas. Ao contrário, há muitos que olham para o futuro a partir de uma perspectiva distópica.

Portanto, o pontificado do Papa Francisco foi vivido em um momento dramático da história. Um tempo de crise e de mudanças. Mudanças tão radicais que o Papa gostava de ecoar um documento da Igreja que ele ajudou a escrever, o Documento de Aparecida, que diz que já

não vivemos apenas uma época de mudanças, mas uma “mudança de época” (Documento de Aparecida, 44). Trata-se da tomada de consciência de que o que está mudando não são apenas alguns aspectos da realidade, mas o próprio “chão onde se pisa”, ou seja, as estruturas sociais e culturais, os critérios de agir e o modo como se vive e se interpreta o mundo e a própria experiência humana.

Com isso, a ordem econômica, política e social apresenta uma instabilidade que há muito não se via. A crise dos refugiados – mais aguda na Europa, mas presente em tantos lugares – é um exemplo. De um lado, a situação dramática dos países em guerra que força muitos de seus cidadãos a se arriscarem em viagens perigosas rumo a terras mais seguras. De outro, o pânico dos cidadãos dessas regiões para onde os refugiados migram, que temem a perda da identidade cultural provocada pela mudança no perfil demográfico e, com isso, fecham o coração para a realidade dos seres humanos mais vulneráveis.

Não à toa, a primeira viagem que o Papa Francisco fez em seu pontificado foi à Ilha de Lampedusa, no Mar Mediterrâneo, a meio caminho entre a Itália e o norte da África. Essa ilha é ponto de referência para a multidão de refugiados que atravessa o mar em embarcações insalubres, correndo grandes riscos e, por vezes, sujeita a naufrágios que ceifam vidas antes mesmo da chegada ao continente europeu. Na ocasião, Francisco encontrou com imigrantes, encorajou a atitude dos que se solidarizam com eles e disse uma palavra de alerta em relação a uma tragédia cotidiana que o mundo ignora:

Emigrantes mortos no mar; barcos que em vez de ser uma rota de esperança, foram uma rota de morte. Assim recitava o título dos jornais. Desde há algumas semanas, quando tive conhecimento desta notícia (que infelizmente se vai repetindo tantas vezes), o caso volta-me continuamente ao pensamento como um espinho no coração que faz doer. E então senti o dever de vir aqui hoje para rezar, para cumprir um gesto de solidariedade, mas também para despertar as nossas consciências a fim de que não se repita o que aconteceu. Que não se repita, por favor. (FRANCISCO, 2013).

A crise dos imigrantes é um efeito colateral daquilo que Francisco chamava de “terceira guerra mundial em pedaços” (FRANCISCO, 2014). Para ele, embora não estejamos vivendo uma guerra mundial nos moldes das duas que conhecemos no século XX, há um recrudescimento dos conflitos mundiais, fruto de uma nova era de “nacionalismos fechados, exacerbados, ressentidos e agressivos” (FRANCISCO, 2020, 11). Ao mesmo tempo em que as relações humanas se globalizam, conectados que estamos pelas tecnologias de informação e comunicação, verifica-se que essa globalização se dá pela chave dos poderes econômicos e autocráticos. Paradoxalmente, sentimo-nos “mais sozinhos do que nunca neste mundo massificado, que privilegia os interesses individuais e fragiliza a dimensão comunitária da existência” (FRANCISCO, 2020, 12).

Além do recrudescimento das guerras, dois outros sintomas que revelam a encruzilhada civilizacional em que nos encontramos são o aprofundamento das desigualdades sociais e a crise ambiental. Aliás, Francisco une os dois problemas em um só, ao afirmar o seguinte:

Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza. (FRANCISCO, 2015, 139).

Portanto, grandes são os desafios atuais e discernir os Sinais dos Tempos é uma tarefa à qual Francisco se dedicou com muita lucidez e persistência.

2. Um pontificado propositivo a serviço da esperança

A lucidez do Papa Francisco não se prestava apenas a diagnosticar com realismo os dramas e as crises do tempo presente. Fazer isso ainda está muito longe do que significa discernir os Sinais dos Tempos. Por uma perspectiva de fé, os Sinais dos Tempos são os sinais de esperança presentes em meio à realidade, sinais esses que devem ser alimentados e incentivados por todas as pessoas de boa vontade. De análises e previsões sombrias estamos cercados; o desafio é apresentar caminhos de esperança, que permitam empenhar a vida em bons projetos e em soluções significativas. Para os que têm algum tipo de compreensão religiosa da vida, esses caminhos passam pela crença de que Deus é pura bondade e, por isso, continua agindo na história e fortalecendo o ânimo daqueles e daquelas que não desistem de semear o bem.

Francisco dedicou-se não somente a reconhecer esses sinais, mas a fortalecê-los. Foi nesse sentido que ele começou a organizar encontros mundiais com os movimentos populares. Ao longo do seu pontificado aconteceram cinco, quatro no Vaticano e um na Bolívia. Francisco entendia por movimentos populares aquelas organizações que agregam “indivíduos afetados pelas diversas formas de exclusão da terra, teto e trabalho, decorrentes de realidades destrutivas como a injustiça social, a devastação ambiental, a cultura do descarte e o crime da guerra” (FRANCISCO, 2024, p. 4).

Para Francisco – e para a própria Igreja Católica – a existência de movimentos organizados de pessoas empobrecidas é um sinal de esperança e de mudança. “Os movimentos populares e sociais de todo o mundo sempre existiram, mas só talvez nos últimos anos os vimos irromper com uma força incontornável” (FRANCISCO, 2024, p. 4). Eles lembram – nas palavras do próprio Papa em um desses encontros – que

os pobres e os excluídos não são apenas vítimas da injustiça, mas se unem e lutam contra ela, são protagonistas da história, procuram soluções e criam, a partir de sua vivência artesanal, as respostas que o sistema lhes nega. São poetas sociais e samaritanos coletivos (FRANCISCO, 2024, p. 4).

Outro sinal vislumbrado pelo pontífice é a garra e a força de tantos jovens que não se deixam levar pelo desânimo e pelo desencanto. A crença do Papa Francisco na capacidade dos jovens em abrir novos horizontes é tão grande que ele os convocou para pensar uma nova economia. Depois de afirmar que vivemos “uma economia de exclusão e da desigualdade social” e que “esta economia mata” (LG 53), o pontífice convidou jovens economistas, empreendedores

e demais interessados no tema a um encontro para pensar uma nova organização econômica que tenha como centro não o acúmulo de riquezas, mas a dignidade da pessoa humana.

A convocação para o referido encontro foi feita em 2019, mas por conta da pandemia, o evento só foi possível acontecer em 2022. Na cidade de Assis, Itália, reuniram-se “mais de mil jovens economistas, empresários e ativistas sociais com menos de 35 anos de mais de cem países de todo o mundo” (KOCCI, 2022). Na ocasião firmaram um pacto em favor de uma nova economia e a partir daí passaram a articular ações concretas nos diversos países dos quais são oriundos. O movimento passou a se chamar “Economia de Francisco”, sendo este Francisco não o Papa, mas o de Assis, santo e personagem histórico considerado modelo de simplicidade e de harmonia com a natureza. No Brasil, o movimento se chama “Economia de Francisco e Clara”. Clara de Assis era companheira de São Francisco na busca de um mundo renovado. Com essa inclusão, enfatiza-se a paridade de gênero e o protagonismo feminino.

Outra iniciativa promovida pelo Papa Francisco foi a de apoiar educadores e educadoras que pensam a educação não apenas como uma atividade funcional em vista das necessidades do mercado, mas como uma vocação mais abrangente, que deve ajudar a cultivar o melhor do ser humano e dos processos sociais. Trata-se do Pacto Educativo Global. Segundo Francisco, “nunca, como agora, houve necessidade de unir esforços numa ampla aliança educativa para formar pessoas maduras” (CONGREGATIO, 2019, p. 4). O pacto inclui uma série de sugestões para uma educação mais inclusiva e que prepare as pessoas para os grandes desafios da atualidade. Assim, educadores e educadoras que não se cansam de sonhar e que se unem para elevar os padrões humanos e éticos da sociedade, significam um belo sinal da presença divina na história contemporânea.

Considerações Finais

O pontificado do Papa Francisco reforçou a autocompreensão da Igreja Católica de que a sua missão, embora eminentemente religiosa, envolve também a promoção dos sinais de esperança na sociedade, reforçando e animando o trabalho daquelas pessoas que persistem na luta pela justiça e por um mundo melhor. Para uma saudável e atualizada teologia, todas as pessoas de boa vontade que promovem o bem na sociedade, independentemente de ter ou não uma religião, são instrumentos de Deus para a realização do seu sonho para a humanidade, que é o sonho de um mundo de fraternidade. Papa Francisco gostava sempre de lembrar que o critério da salvação, segundo os evangelhos, não é a pertença a esta ou aquela tradição religiosa, mas a capacidade de praticar obras de misericórdia (Mateus 25,31-46).

Assim, Francisco vislumbrou como sinais dos tempos a luta dos movimentos populares, a força dos jovens que não se cansam de sonhar e o trabalho incansável dos educadores e educadoras que enxergam a sua missão como forma de transformar o mundo. Porém, não só. O Papa Francisco discerniu e apoiou muitos outros sinais dos tempos, dos quais não é possível tratar neste artigo devido às limitações de espaço.

Por fim, porém, não poderíamos deixar de assinalar que a própria vida e missão do Papa Francisco foi um poderoso sinal dos tempos. Em uma época de tantos conflitos e de escassez de lideranças capazes de fazer frente aos desafios da realidade, Francisco foi uma grande e eloquente liderança que vocalizou a necessidade de profundas transformações em vista do bem comum. Para muitas pessoas, que sonham com um mundo melhor, dentro e fora das Igrejas, a sua palavra e, sobretudo, o seu exemplo, serviram como força e encorajamento para a luta. A vida dele foi um incentivo para algo que ele mesmo gostava de dizer: “não deixemos que nos roubem a esperança!” (EG 86).

Questões para reflexão:

1. Você já conhecia as iniciativas do Papa Francisco listadas neste artigo? Se sim, como as conheceu? Se não, por que você acha que elas não são tão conhecidas?
2. Qual dessas iniciativas você acha que mereceria ser mais divulgada? O que podemos fazer para isso?
3. Além dos sinais vislumbrados pelo Papa Francisco, que outros sinais de esperança você percebe presentes na atualidade?
4. O que podemos fazer para colaborar com os Sinais dos Tempos, ou seja, com os sinais de esperança presentes no mundo?

Referências

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2003.

CONGREGATIO DE INSTITUTIONE CATHOLICA. *Pacto Educativo Global: Vademecum*. Vaticano, 2019. Disponível em: <<https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/vademecum-portuges.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2025.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília/São Paulo/São Paulo: Edições CNBB/Paulus/Paulinas, 2007.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo atual*. Roma, 07 dez. 1965. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_1965_1207_gaudium-et-spes_po.html>. Acesso em: 15 set. 2025.

FRANCISCO, PP. *Carta Encíclica Fratelli Tutti sobre a fraternidade e a amizade social*. Brasília: Edições CNBB, 2020.

FRANCISCO, PP. *Carta Encíclica Laudato Si' sobre o cuidado da Casa Comum*. Brasília: Edições CNBB, 2015.

FRANCISCO, PP. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, PP. *Homilia na Santa Missa no Sacrário de Redipuglia por ocasião do Centenário do Início da Primeira Guerra Mundial*. Redipuglia (Itália), 13 set. 2014. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_2014_0913_omelia-sacrario-militare-redipuglia.html>. Acesso em: 15 set. 2025.

FRANCISCO, PP. *Homilia na Santa Missa pelas vítimas dos naufrágios*. Lampedusa, 08 jul. 2013. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130708_omelia-lampedusa.html>. Acesso em: 15 set. 2025.

FRANCISCO, PP. *Os Encontros Mundiais dos Movimentos Populares e o nosso pensamento social*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2024. Disponível em: <https://www.humandevlopment.va/content/dam/sviluppoumano/pubblicazioni-documenti/documenti/emmp-movimientos-populares/ebook-emmp/pdf/Os-Encontros-Mundiais-dos-Movimentos-Populares--e-o-nosso-pensamento-social_PT.pdf>. Acesso em: 17 set. 2025.

KOCCI, L. A economia de Francisco: um novo modelo de desenvolvimento. *INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS*. São Leopoldo, 26 set. 2022. Disponível em: <<https://ihu.unisinos.br/categorias/622451-a-economia-de-francisco-um-novo-modelo-de-desenvolvimento>>. Acesso em: 17 set. 2025.